

Revista Nova

Lisboa, 20 de maio de 1901

IMP. AFRICANA — R. das Flores, 99 E 101

EDITOR — ILLYDIO ANALIDE DA COSTA

À luz do gaz

VENHO indignado! Antes não tivesse sahido a beber o ar puro, a embebedar-me de sol, á face da criação!.

Ah! esta gente que me empurra, n'um desejo supremo de me calcar! E agora, que já não consigo retirar-me, porque me confundi, não poder, ao menos, fechar estes olhos e contentar-me em olhar cá para dentro!

Sim, já não posso, já não quero fechal-os, ainda que isso custe aos sonhos da minha mocidade. E terei eu o direito de me calar, quando a minha consciencia, que não respeita sexo nem idade, protesta do fundo do meu ser?

Que ninguem escute embora estas palavras gritadas n'uma hora de revolta, mas ao menos deixarei que a minha alma se abra sobre este pedaço de papel, que ninguem abrirá, mas que leva o sopro da minha indignação.

*
* *

Lá em baixo, n'uma casa para onde entraram homens do povo e onde jantei ás 6 horas, por me ter esquecido de mim, tive ainda alguns momentos de bem estar, seguidos logo de colera forte.

Na mesma meza, em frente, um velho com uma banza, cabellos brancos, barbas maltratadas...

Por certo algum d'esses grandes dramas obscuros, que nem por isso deshonram menos a humanidade.

Fallamos. Que fôra mineiro, herdando já de pae a barra e a picareta... Muita privação, muita dôr, n'aquella lucha de cada hora. Nem tempo tivera para amar e talvez por isso é que tinha sido tão desgraçado. Arruinara-se a pouco e pouco, passando semanas e mezes, longe da luz, na escuridão das minas, dormindo no chão e tendo por lanterna, grande parte das vezes, o faiscar da pederneira.

Isto annos e annos, até que um dia se acabou tudo, quando um tiro lhe rebentou, no momento em que o preparava. Cahiu, crivado de pedras e queimado da polvora... Trouxeram-no para o hospital onde se

curou e por cá se deixou ficar. Agora ahí andava, mais aquella creança, tocando pelas ruas, emquanto não morria de fome!...

Reparti o meu bacalhau, porque tinha a certeza que estava allí alguém a quem pertencia mais do que a mim, apesar de ter ido lá reunir a ceia com o jantar.

Sahimos. Os carros atroavam as calçadas, conduzindo os felizes, ao lado de pobres raparigas torturadas algures, olhando do alto para nós, que formigavamos por entre o arrastar dos famintos, que procuram subir, subir na ancia dos corações illudidos.

Quantos d'aquelles que me acotevelavam iriam calcando a sua dôr para esquecer! Quantas aspirações de consciencias ultrajadas se abrigariam debaixo d'aquelles farrapos, que faziam desviar os olhos dos burguezes!

Os operarios recolhiam das officinas e das construcções, uns e outros embarreados, uns e outros meditativos, olhando, ás vezes, de relance para as vitrines, onde não podiam chegar.

No primeiro café paramos. O cego tocou na banza, a pequenita entrou, e eu olhei para dentro... Mezas cheias de academicos e burguezes, bebendo alcool ou narrando, entre o riso mandibular dos companheiros, conquistas de costureiras infelizes. Outros jogavam o suor e a alegria dos mais, uns e outros para enganar o tédio. Chegavam até nós emanações do ar empestado pelo fumo dos charutos. A creança voltou com a bandeja vasia e o cego calou o velho instrumento na vibração d'um ultimo protesto.

Despedimos-nos e eu entrei n'uma livraria.

A mesma mocidade cançada, doente, mãos enluvadas, charutos nos beijos, passando pelo espelho, admirando a sua plumagem.

Fui direito á primeira montra: folheeí as ultimas novidades, os ultimos lampejos cerebraes da *nossa gente*. Bonitas edições, elegantes, carantonhas no frontespicio, como a dizer-nos: o auctor d'isto sou eu!

Abro ao acaso: de que tratará? Ora! do que tratam todas as outras! E' sempre o mesmo thema: o amôr desprezado, o coração gemen-do *de profundis* sobre a aridez d'este valle de lagrimas. Ah! a indifferente Julieta, a traioeira Elvira, a ingrata Irma!

E segue o còro das illusões, arrastando sonhos mortos. Hão de arrepender-se quando os virem nas taboas d'um caixão, á luz dos cirios, lividos, mortos por excesso d'amor...

E se isto, ainda assim, fôsse dito em portuguez, vá: mas é de tal maneira que qualquer de nós que tem a parvoíce de abrir uma d'essas paginas, fica estúpido. Muitas vezes chego a acreditar que tenho o livro ás avéssas. Mas volto-o e dá sempre o mesmo producto: nada.

E aquillo é a nossa litteratura! São aquelles os nomes que amanhã apresentaremos ao estrangeiro, quando nos pedir contas da nossa civilização. Depois não haver, ao menos, quem denuncie estes attentados allí na esquadra, que é perto, no governo civil, que é a dois passos!

Um ou outro faz justiça, — uma porcaria, uns parvos!...

E de repente, no meio de tudo aquillo ha uma coisa que me impressiona dolorosamente, que me irrita: ao fundo da montra, entre uma revista de França e uma comédia de 60 réis, está o livro de um homem honrado, vindo da legião dos analphabetos e que ao lado dos que chamam á prostituição das consciencias, grita do fundo da sua sinceridade:

Trabalhae e sêde activos,
Amae-vos com união!...

E sinto remorsos por ter sido eu a causa de elle estar ali entre o luxo caro e a depravação aristocratica, quando o auctor vive n'uma mansarda, lá longe, ignorado, cultivando a sua leira.

E dentro de mim preparei estas palavras que ia já dizer :

— O' sr. França, embrulhe lá os meus livros.

Deteve-me a hesitação covarde da minha ingenuidade.

Mas no meu espirito começou então uma d'essas conversações mudas, tão características das almas indignadas e que era a mais viva expressão do meu sentir...

— Sim! isto é a expressão mais sincera da minha alma. E ainda que os senhores, os intellectuaes, não respondam em defeza á minha accusação muda, nem por isso deixará de ser verdadeira. Porque isto, saibam-no, vem d'uma consciencia, que ao menos hygienicamente está limpa.

Que importa que eu não calce luvas finas nem fume charutos caros, se a verdade não está no chic da luva nem a consciencia se mede pelo tamanho do charuto? Os senhores com todas as suas maneiras, a sua distincção e a sua *superioridade*, não passam d'isto: uns imbecis!

E depois, que diabo, muitos dos que estou a vêr d'aqui, dando-se ares de opulencia, teem lá em casa uma irmã, pobre e honesta rapariga, que vae á horta, apanha couves e deita a lavagem aos porcos; tendes lá uma mãe que deita fundilhos nas calças de vossos irmãos, que lá andam cavando a terra de sol a sol. O vosso pae mesmo não se envergonha de cavar as batatas e pregar os tamancos!

Que vos custava, pois, parecer honestos, honrados, emfim, homens! Era coisa de nada: trabalhar, cumprir o vosso dever... Porque eu tenho a certeza que estou em frente de quem não cumpre o seu dever. Conheço-vos desde que um dia me apertastes a mão, allí n'uma rua onde se disseram torpezas; desde que vos ristes dos rasgões das minhas botas e do meu chapéu esfaqueado pelo tempo.

Depois tendes falta de hygiene no corpo como na alma.

Conheci uma rapariga honesta, que vivia com a mãe n'uma aguafurtada: era linda, bondosa...

O vosso espirito entrou a bafejal-a e certo dia appareceu com um filho nos braços que amanhã virará a cara para o chão quando lhe perguntarem pelo pae.

Lá adeante, em frente do meu quarto de estudante, havia um homem honrado, que vivia feliz. Tinha uma filha, robusta e sadia como as camponesas da nossa terra, que no verão regava as plantas do quintal e engommava a roupa.

Todas as tardes a sua voz vinha embalar-nos, na contemplação muda d'um poente abrasado de sol, evocando os dias alegres da nossa vida campezina. Mas um dia fecharam-se aquellas portas, calou-se aquella voz e seccaram-se as plantas nos seus vasos!... Foi ainda o vosso espirito, ó intellectuaes, que uma noite a veio buscar para descer com ella os degraus da prostituição.

No fundo d'um bahú que tendes lá em casa, está uma rima de cartas onde pulsa o coração de cinco ou seis raparigas a quem mandastes o vosso, em troca, n'uma folha de papel, com vinte e cinco. Isso representa alguns mezes de degradação moral de pobres creaturas que vos julgaram homens de bem, capazes de uma boa acção.

Eu sei tambem que na vossa estante ha alguns volumes de leitura

só para homens, que os senhores mettem no cesto da costura ás visinhas preparando-as assim, com esses evangelhos, para quando fôrem mães...

Os senhores conhecem bem que isto é simplesmente a verdade; trazeis a alma demasiadamente á superficie para que possam vel-a todos os que tem olhos.

Aqui, d'este canto de livraria, onde os senhores me não veem, vejo-vos eu em toda a realidade da vossa vida sem acção... Este livro que tenho na mão e que folheio, não sei o que diz, mas ouço bem o que dizeis. Nas palavras que chegam até mim leio eu tudo o que vos vae na alma. E sinto-me covarde porque vos não digo de frente o desprezo que sinto por vós, que sois a vergonha da nossa raça!

O' progresso, quando virás tu com a tua vassoura varrer este lixo?...

*
* *

E sahi para a rua, não sei se indignado, se desconsolado, O ar da noite dilatou-me os pulmões e a multidão acotevelou-me, como a chamar-me a attenção.

Passava a miseria: raparigas lindas, com embrulhos, Deus sabe o quê, mas sem duvida a infelicidade.

Uma que leva dois filhos e tosse lá de dentro, faz pena.

Coitadinha! tão nova e tão acabada! E depois, quem sabe se não vae ainda para alguma viella escura, onde a esperam para a martyrisar, lançando-lhe nos braços mais um filho que, como os outros, se envergonhará quando alguém lhe falar em pae.

E agora é outra que de dia encontrei, nas construcções, conduzindo saibro para as vallas. Vae de fugida, quem sabe para onde, quem sabe d'onde!

Ah! e quantas as que lá ficaram na agua-furtada, a quem os ociosos da vida irão surprehender n'uma ancia de desejo brutal, cansando-as, inutilisando-as para o trabalho honrado!

Tocam-me no braço. Volto-me: uma pobre velha estende-me a mão descarnada, pedindo alguma coisa para poder cear. E' mais uma victima.

Mecho nos bolsos, esquecido de que já lá ia o ultimo vintem.

Subo para o meu quarto de hospedaria, cheio de mau humor, fugindo ao lamaçal...

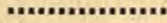
Nove horas... N'uma capella as collegiaes rezam o terço, e mais acima, n'uma taberna, dois operarios ebrios falam de morte. Subo a escaða, fecho a porta, accendo a luz...

O' injustiça dos homens, quando acabarás tu, para deixares livre a nossa felicidade?

Coimbra.

Thomaz da Fonseca.

Os artistas novos



A QUELLE grande e luminoso espirito de John Ruskin — d'esse que, no dizer de Tolstoï, foi o maior homem do seculo XIX — clamou durante a sua vida inteira que *a Arte é adoração*. E entender-se-ha por estas palavras que todo o verdadeiro Artista deve ser humilde perante a Natureza ou perante qualquer fórma do Bello que tente fixar nas suas obras; que não deve trabalhar para satisfazer a sua vaidade, mas apenas, e de todo o coração, para realisar o seu sonho.

Parece-me que em Portugal poucos leram Ruskin, ou, se muitos o leram, quasi ninguem o entende ainda. Porque uma das causas da triste e aviltante decadencia da nossa Arte é, por certo, a vaidade balofa e incomprehensivel de que estão cheios, a trasbordar, os cerebros da maior parte dos nossos Artistas — (e, para evitar erradas interpretações direi que n'esta designação comprehendo, como é logico, os litteratos). Não se pensa em ter consciencia; pensa-se unicamente em vir fallado nos jornaes, em se arranjar nome depressa, em ser o alvo dos olhares de toda a gente.

A dignidade professional passou á cathegoria de phrase de effeito nos discursos. E todas estas condemnaveis e vulgares consequencias d'uma inconsequente vaidade, resultam, em grande parte, dos imbecis factores do meio em que vivem os Artistas entre nós. E senão, veja-se o que se passa em Coimbra, onde deveria haver uma atmospherá mais pura, já que é formada, quasi exclusivamente, por espiritos moços.

Apparece o primeiro livro d'um rapaz — livro de versos, por exemplo. Tenha ou não tenha talento, ha logo meia duzia de pretendentes a celebres que se agrupam em volta d'elle, que nunca o deixam, que o perseguem até. Querem conseguir, talvez, que os seus nomes vão na trazeira do carro que ha de levar o nome do novo escriptor á posteridade... E começam a achar bom e genial tudo o que elle escreve, digno de nota tudo o que elle diz, e a copiarem-lhe os gestos e a maneira de andar. As mais das vezes, ingenuo e sem o criterio necessario para comprehender o pouco que em seu proveito ha nos elogios que lhe fazem os companheiros, o desgraçado auctor habitua-se a respirar n'um ambiente de mentira, e chega quasi sempre, se não sempre, a julgar-se um grande homem.

Estuda *poses*. Infantilmente, quer ser celebre a todo o custo. E na sua ridicula e tropega corrida atraz da gloria esquece-se de que só com muito amor, uma infinita paciencia, e apenas o preciso orgulho para não duvidar do seu coração, é que um artista póde fazer uma obra d'Arte humana e sentida. Esquece-se de tudo, a não ser de que é forçoso sustentar a sua vaidade. Se no primeiro livro houve composições que, pela sua simples e sincera *maneira*, faziam prevêr que detraz das hesitações d'um principiante havia intelligencia e sentimento para maiores emprezas, os outros, que porventura se seguirem, desenganam; o escriptor enche-se d'um egoismo enorme e indesculpavel, porque o persuadiram de que elle era o unico talento de Portugal; as suas obras, seccas e aridas, não passam de relações metrificadas dos seus cuidados caseiros ou das suas doencas intimas; não ha n'ellas uma ancia do Bem, uma commovida e

discreta piedade pelos que soffrem; mas ha em demasia uma visivel falta de honestidade. E ainda alguns se queixam da pouca venda dos seus livros...


Não, isto não deve nem pôde ser assim! Aos artistas novos, como rapazes, é que compete a sinceridade, ainda que esta seja, por vezes, um tudo nada ridicula; a elles é que compete cortar a vida, sem artificios de rethorica, sem alarde de sentimentos que não teem; é absolutamente preciso que as suas almas se retemperem na Natureza, fonte de toda a inspiração; é preciso que as suas obras eduquem este bom e ignorante povo portuguez, que vae para a Morte, d'olhos fechados, inconscientemente; só dos corações moços é que elle pôde esperar a sua salvação, de corações capazes de esquecer as proprias dores para chorarem e remediarem a dôr de todos.

E quando, ao verem as suas obras cheias de imperfeições, o grande Amor pelo seu sonho lhes trazer o desespero e o soffrimento, que elles se lembrem que na Arte como na Vida são sempre verdadeiras aquellas divinas palavras de Jesus:

«Muito lhe será perdoado, porque muito amou.»

Coimbra.

João de Barros.



Resurreição

.....

Pelos campos ideaes da phantasia
 Paira meu coração, e se demora;
 Porque resurge ardente como a aurora
 A minha Mocidade que fugia.

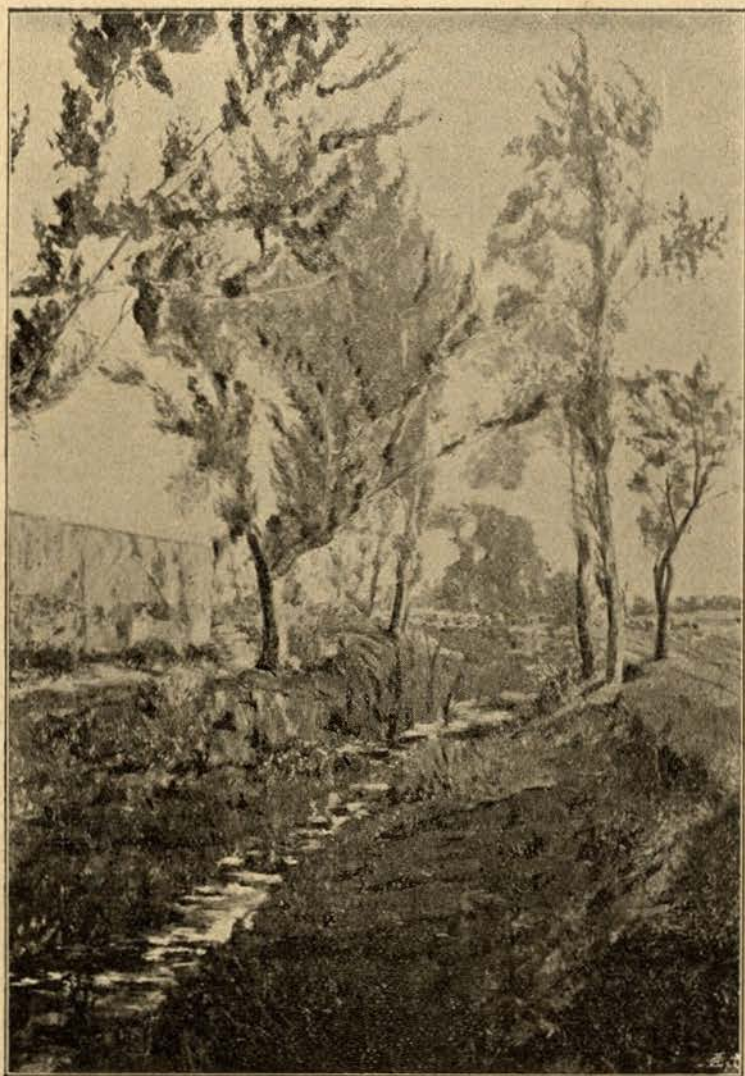
E, olhos no sol, prosegue a correria
 Pela Ventura que este amor explora,
 E vae rimando pela Vida fóra
 Um poema d'amor e de alegria...

Olhos aonde a minha Sorte puz,
 Olhos feitos de trevas e de luz,
 Que vieram trazer-me a felicidade...

Não me roubeis, por Deus, mais esta esperança!
 E se fugirem, fuja-me a lembrança;
 Não reste da Ventura uma Saudade.

Antonio Carneiro.

A PINTURA



PAYSAGEM

Quadro de **David Estrella de Mello**

Augusto Santo

.....

(ESTUDO PSYCHO-ESTHETICO)

I

A primeira vez que ouvi pronunciar o nome de Augusto Santo como um dos que mais sobressahiria no meio da pleiade artistica em Portugal, fiquei insensivel, na sceptica indiferença de quem já não acreditava n'um resurgimento esthetico entre nós

Era justa esta minha descrença, todavia. Eu não via, circumvando o olhar, um artista que tivesse affirmado a sua individualidade com pujança. ⁽¹⁾

Tinhamos só um nome, e esse já gasto de tanto o esfregarmos nos beijos: era Soares dos Reis. Só esse, porém. Mas tão ababalhado, tão sujo e confundido, que lembrava um diamante entre fragmentos de vidro. Se se fallasse em arte, ⁽²⁾ era certo fallar-se de Soares dos Reis. Este nome servia para tudo: para comprovar a nossa valia em arte, para incensar todo e qualquer *parvenu* idiota, e — symptoma triste da nossa inferioridade critica! — para apadrinhar todas as enfiadas d'asneiras que quem quer se lembrasse de vomitar sobre arte.

E' claro que Soares dos Reis passou pela sociedade portugueza incomprehendido, como um meteoro para os cafres.

Tinha um unico esplendor a aureolar-lhe a fronte, — e era a funesta estrella da sua vida torturada. Se Soares morresse d'uma apoplexia, ainda hoje seria ignorado. Suicidou-se. Com a curiosidade, que é ingenita de todo o portuguez, esgaravatou-se no passado do suicida e veio a saber-se que elle fôra em vida... um *santeiro*.

O esculptor em Portugal é coherentemente um *santeiro*: os santos são as unicas obras d'arte capazes de crear fama a um artista, tal é o bom gosto e o bom senso d'este povo ainda enfronhado n'um beatismo de sacristia.

Seja-me exemplo o mediocre sr. Teixeira Lopes, que, pelo menos, teve o talento para conhecer esta verdade.

Como, pois, se não conhecesse a immediata utilidade da estatuaría, como esta fôsse uma arte de que ninguem tinha a noção em Portugal, a começar pelos proprios esculptores, tanto bastava para que o nome de Soares dos Reis, pronunciado como o symbolo d'uma arte ignorada e nem sequer sonhada pelo meio, fosse enxovalhado pelas babozeiras de tanto pedante sem criterio. Tinha-se tanto a noção do que esse nome synthetisava, como as mulheres publicas têm a comprehensão do amor quando o despejam da bocca emporcalhada para o esterco dos becos.

(1) Excluindo Columbano, o maior, — senão o unico —; mas tambem o menos comprehendido, sem contestação.

(2) Tenho empregado o termo Arte n'uma significação restricta, bem entendido. Refiro-me á Esculptura e Pintura.

Senão, veja-se. A sua obra para ahí jaz esquecida, confundida no meio de toda essa quinquelheria anonyma, á espera do entulho. N'este derivar, é logico que amanhã o seu nome seja um echo perdido e a sua obra, visto o carinhoso desmazelo com que a tratam, esteja a empedrar as estradas nacionaes... para que todos a calquem.

Afóra este nome representativo de talento, eu não conhecia senão uns que eram para mim a firma de mercearias artisticas. Porque a honestidade artistica em Portugal tinha chegado á pouca vergonha de fazer-se commercial, peor: troquilha, em toda a extensão do termo.

Era de prever, porém. Para um mau meio, artistas peores. Não se procurava o successo pelo desejo que tem todo o artista deveras em ver-se comprehendido; mas sim porque o espalhafato concretisava-se em dinheiro, em pão.

O publico pagava mal porque não comprehendia — e, quando pagava, era sempre o que houvesse de peor; na phrase justa e incisiva de Mayer Garção, *pagava-se a quantidade — a qualidade nunca*.

D'ahí a necessidade de uma hyper-produccão. Não era preciso talento; pelo contrario, o talento era uma qualidade prejudicial. Era necessario produzir, produzir muito e muito mau, mas produzir sempre.

A fecundidade em alguns chegou a ser como a das pulgas. É claro que o valor estava na razão inversa da producção. De resto, estes artistas faziam obras d'arte com a presteza com que podiam fazer sapatos.

O que a industria nacional não perdeu!

N'esta nossa decadencia de povo parazita, condemnado a viver d'expedientes, era consolador, tragicamente consolador, ver que a arte filha d'esta nacionalidade, a não renegava e a acompanhava na biltre existencia de cogumelo social.

Se n'esta bandalheira torpe aparecia uma entidade immune á lama que de todos os lados rebalsava — essa entidade era logo abysmada no nateiro em continua erupção.

Era chic fallar em virtude, mas era tolice ser-se virtuoso. Pelo menos, todos assim o comprehendiam.

Como illação fatal d'este modo de viver, fervilhava o elogio mutuo, a symbiose da malandragem, a hypocrisia, o mimetismo que garantisse a pilhagem d'este magro desfazer de feira.

Esse estado psychico da nossa sociedade tinha a sua expressão nitida n'uma palavra — *arranjar-se*. Arranjar-se era um verbo que tinha recebido a consagração tacita d'um principio, d'uma lei biologica e social.

A descrença era geral. E eu mesmo sentia crear-me raizes n'alma o pessimismo sombrio proveniente d'esse esgotamento de vida nacional.

Por isso, o nome de Augusto Santo apagou-se-me na memoria.

Voltaram a fallar-me n'elle mais tarde. Por ultimo, mostraram-m'o, fallaram-me da sua vida e da sua arte. Apontavam-m'o como uma das mais poderosas personalidades da moderna geração.

Ou fôsse por uma rabujice minha, tão peculiar ao meu irascivel temperamento, ou fôsse por fazer pouca fé e ligar pouco valor ao criterio de quem me fallava — o certo é que me puz a olhal-o, desconfiado e curioso de esquadrinhar pelo exterior o que seria a alma d'aquelle rapaz.

Moreno, a barba toda, a cabeça inclinada desoladamente para o peito largo e forte, o rosto enfrinhado d'uma tristeza lugubre de arabe absorvido em elucobraçoens — deu-me a impressão d'um misantropo.

Esta impressão arraigou-se cada vez mais, quando mais tarde o entrevi de passagem, movendo-se por entre as multidões como um somnambulo, embebido no proprio pensamento, o rosto contrahido n'um rictus de consternação.

E, — coisa extranha! — a figura de Anthero de Quental surgia-me tragica, encarando-me sombriamente.

E comtudo o incomprehendido que eu via em Anthero nada tinha de similar com o incomprehendido que eu via em Augusto Santo. Um tinha bem marcada a nostalgia glacial e saturada de tedio e nojo d'um vencido aonde raramente sombrejava o pavor, os labios crispados d'um sorriso que traduz um soffrimento. Esse a si mesmo se definia :

Mas cruzar com desdem inertes braços,
mas passar entre turbas solitario,
— isto é ser só, é ser abandonado.

O outro tinha, ao contrario, o rosto fundamente vincado d'um meridional que soffre, os labios dilatados n'um gesto de dôr. E' que Augusto Santo, primeiro que tudo, e mais do que um incomprehendido, é um auto-contemplativo que communga da tristeza contemporanea, d'esse pessimismo que é uma modalidade animica dos tempos que vamos atravessando.

Eis o que fartamente pude ver mais tarde, quando entrei no pleno conhecimento do temperamento do esculptor.

Taes eram as minhas impressões até quando, um dia, um amigo meu me apresentou de chôfre, sem eu nem Augusto Santo estarmos prevenidos para isso.

N'uma occasião foi-lhe apresentado um litterato lisboeta que vinha comnosco, o qual começou por incensal-o, fallando-lhe com uma loquacidade tumultuosa e lisongeadora d'uns trabalhos que o esculptor tinha em Lisboa.

Depois passaram a trocar phrases sobre arte. O litterato não perdia a occasião para fallar muito, em catapultas, esbanjando muita facundia encomiastica a Augusto Santo.

Este parecia ouvir com indifferença os elogios que o outro lhe fazia. Com ar muito alheiado, o olhar pregado em qualquer cousa que a imaginação lhe projectava para fóra, para o campo da sua pupilla fixa e absorta, pronunciava uns monosyllabos desconnexos, entrecortados de gestos de orgulho desdenhoso, como quem sacode um importuno teimoso.

Foi então que eu pude ver, não o misanthropo que *passava entre turbas solitario*, esse descrente da vida, do futuro, o escorraçado dos homens e relegado do mundo — que era Anthero; mas sim o contemplativo de si mesmo que vivia da sua alma e dos seus sonhos.

Um era o sceptico que o desalento na realisação do ideal concebido despenhara: um naufrago que se deixava arrastar no mar da vida sem uma esperança a bruxolear-lhe n'alma. O outro era um crente que se movia á mercê dos seus concepções.

N'isto residia o contraste que eu primeiro notara.

Tambem Camoens out'ora *andava solitario por entre a gente* e todavia a causa era bem outra.

Trocamos n'essa occasião duas phrases triviaes que me não lembram. E despedimos-nos.

*
* *

Foi a nossa despedida fria, breve, acanhada de phrases amaveis que sempre costumam ser ditas n'estas cerimoniaes. Não passou d'um *estimo muito conhecer* gaguejado, confuso.

Era um conhecimento que promettia morrer ao nascer, sem incidentes. Presumi que Augusto Santo se esquecesse do meu nome, como facilmente se deveria ter esquecido de tantissimos outros que acotiadamente ouvia pronunciar. Ou quando muito as nossas relações ir-se-iam gastando insensivelmente, como acontece grande numero de vezes entre simples conhecimentos.

Demais o character, que eu presentia em Augusto Santo, fazia-me logicamente derivar n'esta conclusão.

Independente, vivendo mais dos proprios pensamentos do que da communhão intellectual, — que podia eu offerecer-lhe de attractivo, eu que elle não conhecia senão por me ter visto alguma vez de relance e durante os minutos em que pude apenas dizer uma ou duas futilidades, que nem sequer com arte se prendiam?

Nada, positivamente.

Eis por que conjecturei que o caprichoso acaso que determinara o nosso conhecimento depressa o apagaria. Demais, nem elle nem eu tinhamos manifestado desejos de travar tal conhecimento. Aquillo arrefeceria — era natural.

Tal, porém, não aconteceu.

Decorridos poucos dias, encontramos-nos de novo. Fallamos mais amplamente, communicamos-nos modos de ver em arte, esquivando-me eu a fallar-lhe de esculptura, receoso de susceptibilisal-o com uma opinião discordante, n'aquelle momento, em que eu tampouco tinha necessidade de estar a expor o meu modo de ver, improvocadamente.

Qual não foi, porém, a minha extranhesa ao vel-o de repente fallar-me da sua obra futura e muito especialmente da sua concepção da mulher com uma tal intensidade de emoção que só poderia ejacular d'um temperamento fundamentalmente artistico, mas tambem fundamentalmente mórbido.

A mulher como elle a concebia teria qualquer cousa de mysterioso, da esphinge impenetravel, uma Hjoerdis forte e intangivel, amando a vida pela vida e o amor pelo amor — provocando um amor intenso e fecundo, que embebedasse como um perfume oriental, sem corromper.

Elle concebia-a, em resumo, como Anthero a sonhou n'aquelle soneto tão pagão e tão bello á Virgem.

Fallava-me convulsamente, agitado, apossado d'um d'esses delirios lucidos, que só os paranoicos de genio tem.

Desde esse momento as nossas relações apertaram-se e eu pude ver claro na sua alma, desvendar-lhe o temperamento e reconhecer sem um lampejo de hesitação o quanto haveria a esperar d'elle — uma obra grandemente concebida, vagarosamente planeada, e que elle realisarà para vergonha suprema d'uma jolda de imbecis e biltres, que lhe mordem na sombra, medrosos de o morderem a elle.

Mas a seu tempo fallaremos da malandragem ignobil, que elle despresou e ha de... immortalisar, como se immortalisam os torpes...

Manuel Laranjeira.

A CARICATURA

TYPO DE LAUSPERENNE

Desenho de **Sancha**

Ciganas

Bronzes de perdição, ó nomades morenas
 dizendo em rythmos barbaros as penas
 de viver sem amores e sem lar :
 eu amo o vosso ser, essa chymera ardida
 que vos arrasta miseras na vida,
 como a poeira no vento e as espumas no mar...
 Nem o nome sabeis á terra em que passaes,
 que importa o ceu divino que vos cobre,
 as moedas que vos dão quando cantaes,
 o vento, o mar, fontes a rir, um dobre...
 Que importa se seguís a um mau destino
 que as bruxas leram n'esse olhar funesto ;
 perdidamente erraes, erraes sem tino,
 e os vossos olhos são dois soes d'incesto...
 Vossos irmãos e paes dormem comvosco,
 não sabeis onde nascem vossos filhos,
 em qualquer ermo pedregoso e tosco
 riem á luz os vossos maltrapilhos...

A's vezes acampaes á beira-mar...
 E se alguma de vós canta alguma canção,
 saudosissimamente, os vossos animaes
 deixam os olhos pelo oceano vão...
 Ha tal melancolia
 na vossa voz que tem echos d'outomno,
 que a ouvir-vos cuidei que o vosso ser soffria
 por viverdes assim n'um tragico abandono...
 As vossas mãos de crime, os vossos braços
 em que ha contas vermelhas a tremer,
 arqueiam de volupia, cahem lassos,
 em rythmos febris de endoudecer...
 Boccas de fructos tropicaes, abertos
 n'algun outomno tragico de sangue,
 seguís á beira-mar, pelos desertos,
 e nem vêdes morrer o sol exangue...
 Vossos rebanhos, pastoral afflicta,
 balam a sua angustia nos poentes,
 e o olhar dos ursos como que medita
 em quanto as sombras cahem penitentes...

Desgrenhadas pastoras de olhos doudos
 lindas bohémias que dansaes com fôme,
 sois afinal nossas irmãs : nós todos
 temos a ancia vã que vos consome...
 Vivemos como vós n'um mundo áparte
 com os nossos rebanhos de chymeras,
 somos os tristes nomades da Arte
 correndo soes, outomnos, primaveras...
 Tambem cantamos a pedir esmola
 e em nossos olhos, mystica corolla,
 abre um sonho que cae em pollen d'oiro
 como um poente livido d'agoiro...
 Fóra das leis, dos dogmas, do que peza
 sobre o nosso desejo e o estrangula,
 a nossa alma de barbaros só reza
 quando o luar d'um amor vago a azula..
 Lindas estatuas, corpos vãos de cobre,
 olhos febris de crime e de loucura,
 ides tão rotas que o luar descobre
 e beija a vossa rude pelle escura...

Com vossos ursos-bobos, centenarios,
 vossos rebanhos tristes a balar,
 segui pelos caminhos legendarios
 de tanta e tanta dôr que os foi regar...
 Deixae os vossos pés aventureiros
 pisar o pó das ruas ao acaso
 ide cantar e amar os estrangeiros
 como quem morde fructos n'um occaso...
 Pastoras que guiaes rebanhos tristes,
 cantoras que cantaes balladas de saudade,
 o' olhos que esqueceis tudo que vistes,
 sem amor, sem chymera e sem piedade...
 Como a raça rebelde dos poetas,
 segui a ouvir as vozes inquietas
 dos ventos e do mar, do coração...
 O' nomades febris, bronzes de perdição!

30. Agosto, 1900.

Antonio Patricio.

O Intruso

.....

NAQUELLA noite a chuva batida de sudoeste vergastava as vidraças, escorrendo em grossos sulcos tortuosos.

A mesa do serão, lançado na habitual tarefa, mal podia o Pedro distrahir os olhos avermelhados da obsessora visão dos numeros alinhados e rigidos descendo pagina abaixo dominados pelo *Deve-Haver* que no alto punha nota magestatica de gravidade commercial em bom cur-sivo inglez litographado a azul.

A Vida era aquillo...

Mergulho na faina exhaustiva, lucta desesperada, ancia febril do ganho; seguir-se á labuta do dia no escriptorio, compulsando o *Caixa e Credores diversos*, a vigilia na salita forrada a papel barato de fundo claro, salpicado de florões verdes.

As vezes, o espirito escalavrado do Pedro tinha rapidas crispações de revolta.

—Arre!... era de negro!... a mourejar assim, um dia ia-se abaixo.

Parecia-lhe injusto o Destino nesses curtos instantes de rebeldia intuitiva, mas, ao final, ficava-se amodorrado, esmoendo num desabafo fatalista:

—E' sorte!

De tamancos viera o patrão lá da Beira, besta igual a tantas, á conta d'um recoveiro e lá se arranjava no negocio traficando, politicando, jogando na *alta*. E elle, p'ra ali estava ha vinte annos, desde os dez, jungido á canga, sempre pé no lodo, incapaz de fuga ás pestilencias do saguão da rua dos Douradores que empestavam a atmospheria presidiaria do escriptorio, sorvida das dez ás cinco; pelotiqueiro de cifras espiando o calendario, vegetava impaciente á espera do dia 30, avido de recolha ás cedulas do ordenado que mal recebido — o maldito! — rapido fugia entre os dedos... Raça d'azar!

E quando ao serão, salteado da febre de comparo, se lembrava

d'isto, ali na salita, olhar fixo no mostrador branco do relógio, amollecia a colera de pouca dura no *tic-tac* hypnotisante batido na calada da noite, quedando-se atordado.

Não era homem de guarda-las...

O casamento arrasara-o: em noite de Colyseu lobrigara a Luiza nos *fauteiuls* e, picado d'um *tic* de primavera que então ia em flôr, assentara apaixonado olhar, esquecera o *Razão*, esticara os punhos, tomara *pose*, e apoz a morte da *Carmen*, espicaçado de desejo e quente de paixão, guardando na retina impressionada a plastica da *prima-dona*, seguir-a até aos Caldas, assobiando manso um trecho apprehendido, no preparo do casamento vulgar, habitual, mais sacrificio feito ao conservar da especie que pesquisa d'alma irmã prompta á marcha na Vida.

Realizara-se o facto: gastos seis mezes de epistolas torturadas de logares communs do Amor, partejados a ferros, a Magdalena carimbara o prologo da nova existencia do Pedro, tendo mulher a cuidar da roupa branca e a libertal-o de vez ás omolettas da D. Clara e do quarto a doze mil réis com vista p'ro telhado:—construira o Lar!

De começo, coisa de um anno, marchando *p'ro seio da familia*—no dizer pittoresco da despedida aos collegas—o Pedro ia lepidio, de corrida, antegosando sybaritico o recosto com geito auctoritario de Senhor na cadeira de verga, aninhado no chylo facil do cozido e *prato de meio*.

Como isso ia longe!

O Passado com aconchego de sapatos de feltro em tempos de inverno e evocações de vida tranquillada sumira-se espancado pelo Presente, quantas vezes mantido a custo com espera ao padeiro e rol na tenda.

Em tres annos, tres filhos!

Annunciara-se com berços e vagidos o poema da derrota.

O abysmo escancarado, a morte da esperanza, imposera-se inexoravel. A familia crescera, o pão diminui. Quanto mais era pae e teimava em ser homem, mais se afundava adivinhando funesta capitulação.

Ainda assim fiava, não sabia em quê, de providencial e inesperado capaz de arranca-lo á desesperação da impotencia reintegrando-o na felicidade. A resignação vestida de confiança reparava nessas horas os estragos da descrença, mas sempre alguma coisa de inquietante ficava sempre a mordica-lo na consciencia.

—Maldita idéa! segredava-se então o Pedro, e no cerebro acordavam recordações do Colyseu e da *Carmen*.

Não que a Luiza fosse *de genio*, gastadeira, desaninhada; ao contrario, fazia milagres; nas mãos d'ella dois valiam quatro, mas aquillo dos baptisados, doenças, amas, partos, punham-no á rasa, engrenado em emprestimos torturantes p'ra um homem de methodo nas cousas.

Agora, forçado á lucta, lançava mão a tudo: escriptas atrasadas, copias, balanços succediam-se na mesa de jantar á luz coada do *abat-jour* verde; teimoso, só ás duas e tres da manhã erguia o busto, levava mãos aos rins e cauteloso, a não fazer bulha p'ro môr dos pequenos, seguia caminho do quarto, empurrado p'ra cama pelo desafio estridente dos gallos em quintaes proximos.

Nessa noite de chuva batida de sudoeste que vinha em lagrimas tortuosas escorrer nas vidraças, mais que nunca sentia o Pedro o avisinhar da derrota e na fuga á obsessão afincava-se nervoso ao trabalho p'ra esquecer.

A' tarde, de volta do escriptorio, dissera-lhe baixinho a Luiza, um tudo nada vermelha, mastigando phrases:

— Sabes?!... Já estou...

Boquiaberto, estuporado á primeira, ferido de golpe rijo no craneo, cobrara animo e perguntara-a, lembrando factos.

Num olhar doloroso, mixto de magua e desculpa, a Luiza fitara-o:

— P'ra quê assustal-o ha mais tempo... Já no mês passado desconfiara, sentira... Não quizera dizer, podia ser engano; ás vezes falhava... Mas, não tinha que ver, andava já com vomitos e o corpo n'uma quebreira... Era certo!...

Lavada em lagrimas, fôra esconder-se no quarto sem jantar.

E na noite fria, cortada de sudoeste a chicotar as vidraças, o rosto amarelento e tresnoutado do Pedro tinha um rictus estranho ressumando desgraça.

*
* *

Amodorrava sem echos a travessa ao sol do meio dia; silenciosa, entorpecida a rua esbrazeada banhava-se de fogo purificador e nos quintaes estalava a terra creadora em brechas avidas de luz fecundante.

De vez a vez, vinha lá da esquina, o *tam-tam* adormentador fugido á loja do funileiro posto na faina a virar folha á bigorna.

Gatos estirados dormiam nas valetas; guelras e buchos fermentavam ao sol e, nas sacadas, flores vergavam adormecidas.

Nem um pregão.

Pairava na travessa um sopro de anesthesiante beatitude escorrendo suor, acabrunhador e somnolento.

Na alcova, de costas sobre a cama dando relevo á curva forte do ventre fecundado, fugida aos pequenos, p'ra ali estava a Luiza, faces sem côr, sujas de *panno*, olhar triste, franzindo a testa quebrada de rugas ao reboar na casa o gargalhar do mais velho, seguido do estrondo inquietante de bancos tombados na cozinha.

Ser Mãe era o seu mal.

— Se fôra só e o Pedro, pensava, que bella seria a Vida!

Nervosa, virando-se no leito bruscamente, sentia remorsos num vomito de contricção que lhe subia do coração ao cerebro vexando-a.

Instinctivamente, interrogava-se:

Porque não ter filhos? Não era essa a lei do mundo? O proprio Christo não dissera — cresci e multiplicaes-vos?

Absorta, olhar parado, espasmodica sem resposta ás intimas perguntas acordadas na consciencia, immobilizava-se, fixando a gelatina vermelha do *vitrail* onde um guerreiro d'elmo e montante punha nota severa.

A's facadas de luz crua alastrava-se no soalho a mancha sangrenta entornada das janellas.

Era d'agouro...

Atormentada, sentindo amargo prazer no reabrir da chaga teimava em questionar-se:

Se pudesse te-los?... Não podia, estava escripto!... Aos trinta annos já o Pedro se curvava gasto e o ordenado era curto; calado, paciente, até ali exgotara o calix sem protesto, mas ella via-o impotente p'ra lucta, prestes a capitular. Não era seu dever anima-lo, prestar-se ao sacrificio?... Era um crime, bem o sabia; attentado ignobil contra a Natureza que da flor á fera ensinava respeito á obra da Creação. E quem podia accusa-la?!... Ninguem!... Já tres vezes dera almas á vida nos seus

flancos sagrados de Mãe; avergava agora á dura necessidade de salvar-se e salva-los. O que vinha era um intruso, um *sem-logar* na familia destinado a provocar a desgraça dos paes, a miseria dos irmãos. Sim! Que amanhã não podia o Pedro chorar augmento de filhos ao patrão, esperançado de alcançar mais dez tostões ao fim do mês.

— Que os não fizesse! responderia o hominho de barbichas brancas e oculos de oiro acavallados no nariz adunco. E esse homem era a Sociedade.

Personificação do Egoismo, symbolo da Iniquidade, bem queria elle saber da agonia do pae interdicto de ser homem; rir-se-ia, mostrando os dentes falsos e aconselharia, num geito de osga, mais trabalho e menos folga... Elle, o pae clandestino, gorilla padreador em ventres de creadas lorpas a fornecer a *roda* — p'ra evitar massadas! — poria ponto á lamuria dizendo que aquillo — o escriptorio pestilento — era p'ra quem queria... O que faltava era gente!

Olhos fitos no *vitral* vermelho — restos do *pôr da casa* — a Luiza tinha a visão do Pedro, cabisbaixo, raivoso, a guindar-se desconfortado ao banco alto e esguio, ficando-se aborrecido d'ella que o lançava na engrenagem esmagadora da paternidade sem pão.

E na travessa pairava um sopro de anesthesiante beatitude escorrendo suor, acabrunhador e somnolento.

Retiniu a campainha a desperta-la e o gaguejar agudo do mais velho annunciou na saleta.

— E' o papá!

Era elle!... Já de volta!... Talvez acompanhado?

Fincando o cotovello na colcha de trama ergueu o busto apavorada, diligenciando ouvir, a tremer, convulsa.

Não se enganara.

Lá dentro, o Pedro fallava a uma mulher de voz amelaçada e aos ouvidos chegava-lhe a sentença numa só palavra: — *Desembaraça-la!*

Pobre victima!... Num lampejo de ultima illusão agonisante descerrava os labios pallidos em dolorido sorriso e ainda a martellar derradeira esperança alçava olhos ao tecto na ancia de ver o Ceu.

— Soubesse eu que nascia morto...

Era o ultimo protesto contra o attentado, vibrava a ultima nota de revolta no odio ao crime que a Sociedade impunha.

No corredor rangeram botas, e o Pedro seguido da parteira habil, perita em casos difficeis, acercou-se do leito perguntando a medo:

— Então?...

— Quando quizeres!...

Das faces agora vermelhas, escorregaram duas lagrimas a perderem-se no roupão branco, e a Luiza caiu de costas, mãos no rosto, sufocando um soluço.

O *intruso* ia ser morto!... O *sem-logar* ia ser victima...

Amodorrava sem echos a rua esbrazeada e nos quintaes proximos estalava a terra creadora em brechas avidas de luz fecundante.

*
* *

Na morada bafienta do esgôto, atascada de podridão, passavam ratas sordidas em fuga ao *glu-glu* esverdeado dos canos parciaes, salpicadas do enxurro viscoso que seguia caminho da praia lodacenta.

Quando a quando, engrossava a vasa nauseante, recebendo no seio negro a digestão da cidade lá em cima rindo a fingir respeito á Natureza.

Nos recantos esboroados aranhas pelludas construíam silenciosas as teias da traição, detendo o labor torpe aos guinchos agudos de ratas desavindas que perturbavam em voltas caprichosas a quietação morna do antro pestífero.

Encalhando aqui, passando acolá, fugindo aos obstaculos, em voltas caprichosas seguia o feto a boiar, mãos crispadas, bôca aberta, olhos vitreos, arroxeados e frio caído num lençol de lama.

O *sem-logar*, o miseravel intruso, craneo quasi nú de pello, corrido da Vida a pontapés dos paes que não tinham pão a dar aos filhos, caminhava sempre.

Afirmavam na Cidade phylosophicos ladrões ser de Malthus a justa sentença.

E o homem de amanhã, o embryão assassinado á conta da Ordem esteiada em quartéis e sachristias, rebufava-se de mais em mais no enxurro amigo serpeando em voltas de cascavel e lá ia olhos vitreos e bôca aberta na expressão de um grande grito :

— Vingae-me!... Vingae-me!... Nada fiz a ser intruso!...

Ernesto da Silva.

Bodas reaes

No palacio real da côrte de Alfania, n'um dos aposentos particulares da princeza Maggie, filha segunda dos soberanos reinantes.

PERSONAGENS: A princeza, 18 annos. Alta, delgada, de expressão melancolica, olhos azues e cabello louro. Emelia, 20 annos, amiga intima da princeza.

PRINCEZA—Não queria pensar em cousa alguma. Levo qualquer cousa que me importe? Se eu mesma não sei se vou! Que tristeza... Começar outra vida, uma outra vida muito differente d'esta na côrte de meu marido!...

EMELIA—Outra vida? Não ides para nenhum desterro, nem para nenhum paiz selvagem! Essa côrte ha de ser como esta, como todas...

PRINCEZA—Não digas isso! Aqui vivemos em familia, n'uma intimidade dôce...

EMELIA—E' como lá vivereis tambem.

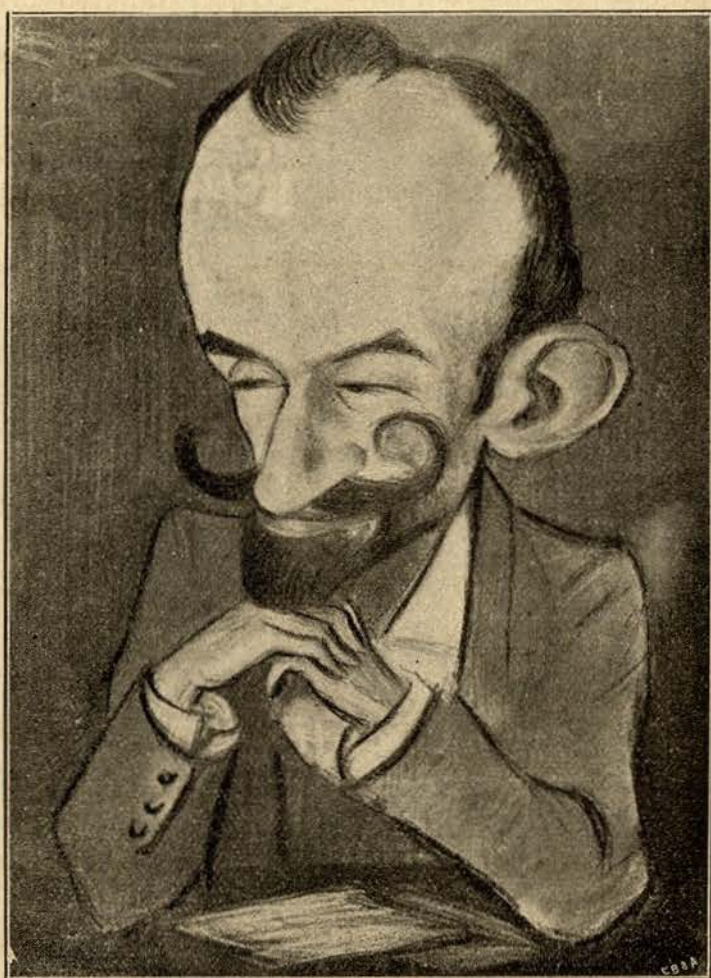
PRINCEZA—Não, não... Bem sabes como aquillo é. Insupportavel! Uma fugida ao campo, um dia de caça... Ir uma noite ao theatro, de improviso, é uma questão de Estado. Morro de tristeza, acredita.

EMELIA—Minha pobre princeza! Todos julgam na côrte que estaes apaixonada pelo principe *Fred*.

PRINCEZA—Isso é o menos. Apaixonada? Eu sei lá o que isso é. Desde que tive uso da razão já sabia como havia de casar, quando chegasse occasião oportuna. O almanack de Gotha foi o meu oraculo.

A HESPANHA ARTISTICA

Os Novos



JACINTO BENAVENTE

Auctor de *La Comida de las Fieras.*

Caricatura de **Leal da Camara**

EMELIA—Mas ha por onde escolher...

PRINCEZA—Julgas isso? Olha: conta só os que por motivos politicos ou differença de religião estão postos de parte. Tambem era a unica condição que eu poria a um homem que o meu coração escolhesse: o ser da minha religião. Pensar que ha princezas que mudam de religião para se casarem! Já não é pouco mudar de patria. Mudar de patria! Para nós é uma obrigação; para qualquer outra pessoa seria um descredito. Quanto tempo não hesitaria uma mulher humilde antes de casar com um estrangeiro. Só namoral-o, parecer-lhe-hia uma traição á patria. E em caso de guerra,—os seus filhos luctando contra os seus irmãos!...

EMELIA—E' exactamente esse caso um dos que se podem evitar com estas allianças matrimoniaes.

PRINCEZA—Velharias ridiculas! Cuidas porventura que as allianças dos reis influem na sorte dos povos. Eu li a Historia, minha querida. E' um sacrificio inutil.

EMELIA—Sacrificio?! Se Suas Magestades vos ouvissem... Bem sabeis quanto vos querem.

PRINCEZA.—Não, não é sacrificio, é um incommodo, uma cousa inutil. Emfim, em todo o caso eu nunca havia de saber o que é amor, esse amor dos romances, das poesias... Mas, ao menos, seria feliz em não me affastar d'aqui, em não ir para lá encontrar-me só, sempre só!

EMELIA—E se ainda vos enamorardes do principe *Fred*?

PRINCEZA—Pobre de mim! Quando ainda não me passava pela idéa casar com elle, lembro-me que um dia, folheando uma *Illustração* estrangeira, me deu nas vistas o retrato d'uma actriz formosissima. Meus irmãos viram-o tambem, e começaram a fallar baixo e a rir uns com os outros. Eu quiz saber o que elles diziam... Não queria dizer-me de que fallavam, mas eu tinha ouvido um nome. Aquella mulher era a amante favorita de meu futuro marido.

EMELIA—N'essa occasião elle era solteiro; de então para cá...

PRINCEZA—Sim, bem sei, bem sei... Deve ter mudado de amantes.

EMELIA—E' o privilegio dos homens.

PRINCEZA.—Sim; elles vivem, nós sonhamos.

EMELIA—Ah! se os nossos sonhos fossem realidades, D. Juan não seria um homem.

PRINCEZA—*(abrindo uma gaveta e tirando uma pequena caixa.)* Queres saber o que foi o meu sonho, o unico? *(Abre a caixa.)* Uma flôr secca; se eu lhe tocasse, desfazia-se. Cahi um dia na minha carruagem, ao passar por um bairro de pobres. Trazia presa á haste um papel: n'esse papel estavam estas palavras: «Amo um impossivel.» O papel rasgou-o minha mãe; a flôr, pude eu guardal-a.

EMELIA—E nada fizestes para saber?...

PRINCEZA—Que loucura! Nem eu sabia que sitio era aquelle, nem tinha ninguem em quem podesse confiar-me, nem mesmo quiz saber cousa alguma!... Mas olha: por muitas actrizes que o principe tenha protegido, mais, muito mais tenho eu beijado esta flôr, e é a primeira cousa que hei de levar commigo...

EMELIA—E se o principe algum dia encontra essa caixa?

PRINCEZA—Dir-lhe-hei que foi a primeira flôr que recebi ao chegar á sua côrte, e que a conservarei sempre como recordação.

Cadeias

.....

Ao Lopes d'Oliveira

Casas erguidas para a desgraça,
Tumulo e cárcere, lar e caverna !
Treme de medo quem alli passa...
Vergonha eterna da nossa raça,
D'um povo livre vergonha eterna !

Dia de gala, dia de festa,
E os miseráveis na escuridão...
O' tu, que passas na vida honesta,
Abre um sorriso que inda te resta
Aos condemnados d'essa prisão.

Antes de andarem pelas cadeias
Uns foram livres, foram já nobres ;
Outros viviam em alcateias
Pedindo esmolas pelas aldeias,
Moços de cegos, filhos de pobres.

Outros na guerra foram soldados,
Amando a Patria, do coração...
Passada a lucta foram olvidados ;
Depois, já velhos, foram algemados
Quando nas ruas pediam pão !

Na vida heroica da juventude,
Cavando a terra, foram gigantes;
Da primavera na plenitude,
Braços de ferro na vida rude,
Sonharam patrias como houve d'antes.

E agora mortos p'rá vida honrada
Morta a ventura que um sonho foi !...
Não mais o ferro de velha enxada
Cavará montes desde a alvorada...
Foram-se as glorias do antigo heroe !

E os condemnados dizem consigo :
— Que vida amarga ! Que negra sorte !
De tanto amigo nem um amigo
Que este calvario suba commigo...
Bemvinda a hora da nossa morte !

Cabeças loucas de indignação,
Rugem na sombra como leões :
O' tu, que passas, dá-lhe o teu pão,
Dá-lhe um bocado do coração,
Que elles tem mortos os corações.

Casas soturnas ! mettem-me medo
Estas cadeias que o sol não vê...
Ouvem-se passós sobre o lagedo
De condemnados para o degredo,
Porque fizeram, — sabe Deus quê !

Gritos na sombra, — quem é que os dá?
 Tiros de bala, — quem matarão?
 O' reis, cautella, que o sol vem já
 Subindo, e os gritos ouvem-se cá:
 Ha boccas hiantes de indignação. . .

Que importa a vida, que importa a Morte
 A nós, que somos os desherdados?
 Abreviaremos a nossa sorte. . .
 Nossa cabeça? Que ella se corte,
 Mas que se arranquem os algemados!

O' reis, cautella, que a luz é perto
 E a treva longe dos corações,
 Sobre as cabeças ha o céu aberto. . .
 Que importam balas, se já vem perto
 O peito d'aço das multidões!

Povo em revolta — guilhotinae-o!
 Onda que passa — vão agarral-a!
 Povo em revolta. . . loucos, deixae-o!
 Que valem armas? Força de raio
 Não se aniquilla com uma bala.

Podeis lançal-os na escuridão,
 Sob as algemas; cobrir-lhes d'aço
 Os frios gonzos d'essa prizão,
 Que as negras furnas abrir-se-hão
 Quando o meu Povo mover um braço.

Se amanhã cedo se apresentar,
 Punhos erguidos, olhos em fogo,
 As grossas portas hão-de estalar,
 Serão abertas de par em par
 E essas cadeias desertas logo!

Porque é por elles, os oprimidos,
 Que a vida anceia, que o mar se agita. . .
 Exploram minas, veios perdidos,
 E são lançados, como bandidos
 Para esses antros que a morte habita.

Almas velhinhas, encarceradas,
 Que eu amo tanto como a Verdade,
 — Andam ardendo mais alvoradas
 Nas vossas crenças apunhaladas
 Do que ha de estrellas na immensidade.

E quantas vidas allí paradas,
 E quantos, quantos trabalhadores!
 O' pão, ó vida, que é das enxadas,
 Que é das choupanas desmanteladas,
 Onde viviam teus bemfeitores?

N'essas cabeças de revoltados
 Fermentam genios, dormem ideias.
 São operarios acorrentados. . .
 Eis o progresso d'olhos vendados!
 Eis o trabalho prezo em cadeias!

Se a raiva e odio, postos em foco,
Incendiassem, nada mais queria!
Serieis livres. O odio é louco,
E o meu é tanto que posto em foco
Essas muralhas incendiaria!

Nem um só raio de claridade
Vos chega nunca na vida toda
Nem ceu, nem terra, nem liberdade:
Sois como netos na orphandade,
Sois como noivos mortos na boda!

Mora a desgraça n'aquellas casas,
Tumulo e carcere dos desherdados...
—Cortava os braços p'ra lhes dar azas;
Ia descalço por sobre brazas
Para não vel-os encarcerados!

Thomaz da Fonseca.

A grã-cruz

.....

SÓ HA uma cousa mais facil do que opprimir, com absurdas ou iniquas violencias do Poder, este docil e bem intencionado povo portuguez, leia-se—*besta de carga*. E' ultrajal-o litterariamente. Como? Litterariamente?!—Sim, ha d'esses ultrajes. Vejam isto:

*
* *

Ha dias, os jornaes da noite, entre uma noticia de facadas e uma montaria a frades, annunciavam que fôra concedida a grã-cruz de S. Thiago ao academico Sousa Monteiro.

A noticia passou, decerto, despercebida fóra d'um restricto circulo de artistas. Porque, na realidade, a opinião publica sabe tanto quem é Sousa Monteiro como sabe o que significa a grã-cruz do Santo.

Esta ignorancia justifica-se e não se justifica;—simultaneamente. Justifica-se, porque não conhecer o Monteiro é honroso para a intelligencia; não se justifica, porque não saber o que quer dizer a grã-cruz é prejudicial.

Deixemos o academico, por ora, e tratemos da grã-cruz.

*
* *

O que é isso,—ou antes, o que devia ser isso em Portugal?

E' uma distincção com que o Estado paga áquelles dos seus cidadãos que illustam o nome do paiz, com o seu merito e o seu talento, uma grande divida de reconhecimento publico. Como sempre, é mesqui-

nha a paga. Aos que levaram a vida a abraçarem-se no fogo d'um ideal, e, ou envelheceram em estudo ou gastaram a alma em sentimento, o Estado dá uma venera official que, afinal de contas, nem se pode tomar como o producto d'uma consciante recompensa. Mas, em todo o caso, ella significa muito, desde o momento em que seja arrancada á indifferença e á inesthesia das altas regiões pelo clamor unanime d'uma opinião illustrada que sagrou, como uma gloria, com a sua unanime admiracão, o nome que o *Diario do Governo* vae imprimir ao lado d'um escrivão de fazenda promovido de classe. Foi esse o caso de João de Deus, porque, — attendam bem! — essa grã-cruz que Monteiro vae usar torna-o collega, ó irrisão! do maior dos lyricos da Peninsula, no seculo que ha pouco transcorreu.

*
* *

E basta isto, para a magua e para a indignação.

Tem a grã-cruz de S. Thiago, este rato da Academia, que ninguem sabe quem é, cujo nome apparece apenas quando se trata de requebros palacianos e que, quando porventura tem ousado tomar parte nas luctas publicas do pensamento, jámais obteve outra cousa que não fôsse um desdenhoso e geral encolher de hombros! Tem-a, como João de Deus, esse vago constructor de phrases velhas doiradas de alambicados parnasianismos, esse manequim quinhentista posto em pé, por favoritismo, n'um pedestal de mediocridade, e que pela sua falta de espirito, pela sua falta de sentimento, e pela sua falta de ideal, apenas tem direito ao castigo rigoroso d'uma carta de conselho!

Sim, que tem feito esse Accacio do Convento de Jesus, que mais mereça do que esse estygma? Desejaria citar-lhe a obra,—mas como se pode recordal-a, se ninguem lhe tem dado um momento de attenção?

E' o auctor do *Auto dos Esquecidos*; é o auctor d'um romance chamado *Amores de Julia*; é o auctor do elogio academico de Latino Coelho, e é o auctor d'um livrito de versos que, por signal, levado por uma vaga lembrança, acabo de desenterrar d'entre um Hymalaia de papeis velhos, e que tem este titulo de genio: *Sonetos*.

Haverá mais? Não sei. E' possivel, porque com elle tudo é possivel.

Do *Auto dos Esquecidos* resta um bocejo. Nunca se vira, em theatro portuguez, semsaboria mais enfeitada de adjectivos, com a aggravante de ter estragado um assumpto. E, comtudo, aquillo representou-se, quando se tratava de commemorar a epopeia nacional. A primeira impressão foi de pasmo, ao saber-se que esse grande acto da audacia humana, que a descoberta da India representa e que tivera por cantor um Camões, ia ser agora solemnizada em versinhos do album classico de Sousa Monteiro; depois, na plateia em que se assistiu ao *Auto*, succedeu a essa impressão a do aborrecimento, e ainda depois a d'um somno accommodatio com que se chegou emfim a comprehender que n'um paiz que dorme sobre as suas glorias era logico que tambem se dormisse sobre as redondilhas dos seus sornas evocadores. O somno é uma amnistia: Monteiro regressou, são e salvo, á Academia.—Todavia, muitos outros trabalhos tinham sido preteridos pelo seu entremez, e poucos poderiam ser tão maus!

Em que fallei eu mais? Ah! no romance *Julia*, interessante trabalho de architectura com uma Roma de confeitaria. Pouca gente sabe o que isto é, á excepção dos typographos que o compozeram.

O elogio de Latino Coelho, na Academia... Leram-se alguns tre-

chos, para vêr o que elle diria d'esse gentil temperamento de estylista e d'essa bella alma de democrata. Pobre Latino! Em que mãos elle cahira! Sousa Monteiro tinha a inspiral-o, dentro de si, a sua nullidade; em frente de si, o rei. Que poeiranta feira de vocabulos, — aquella, sem um conceito justo e sem um grito emocional. Tanto se podia relacionar aquelle arrazoado a Latino como ao proprio panegyrista. E assim se entregam os mortos a estes segundos coveiros!

Falta o pastel de nata que eu fui descobrir, e que deve ser uma das primeiras obras do grande homem. Chama-se *Sonetos*, o livro; está impresso em papel lustroso e cada pagina, o mesmo é dizer, cada soneto, encontra-se orlado d'uma cercadura typographica, um risco a encarnado e outro a preto. Data de 1882. Ha dezenove annos que Portugal alberga esta preciosidade. Não exijam de mim que o folheie todo. Bastam-me duas ou tres das cousas rimadas, a que elle chama sonetos.

Já no primeiro era classico, o *grã-cruz*. Vejam:

Disse-lhe um dia: — «Elege outro corpete
que te não quebre as linhas da figura.
Abafa-te a estreiteza do collete
a pujança dos seios, ampla e dura.

Tem cada barba foros de estylete;
dessora o sangue a rigida apertura;
amollece a vivaz musculatura;
rouba a pureza á curva do jarrete.»

Rojou-se a soluçar. Convulsa, ardente,
me exora a meia voz. Que amor scintilla
no mesto olhar dolentemente inquieto!...

Eu condescendo e ponho-me paciente,
com teimosos esforços, a cingil-a
n'este ferreo espartilho do soneto.

Hein? Que lhes parece esta mulher que se roja a soluçar para que Sousa Monteiro seja o seu creado de quarto? Ou, tocada d'um funesto presentimento, adivinharia ella que o seu creado de quarto lhe faria, depois, um soneto?

Segundo: Sousa Monteiro quer rir. Não quer, em verso, desespero nem lamuria. E grita:

Guerra, ao chorão; ao esguedelhado, figas!

E' classico.

Mais adiante, curvando-se perante a *mysteriosa antithese*, dá parte d'estas boas intenções, que depois atraçou por um logar na Academia e por uma grã-cruz em perspectiva:

Para servir-te me volvera em turco,
chinez, bohemio, me alugara ás horas,
vira-me alegre transmudado em urco...

Mais adiante... Mas basta. Para que citar as paginas em que elle chama *paspalhice* ao tagarellar d'uma creança; em que se dirige á mulher que ama, dizendo-lhe: *prenda amada!*; em que escreve Shakespeare assim: *Shakespere*; em que chama á lua *unha cortada?*...

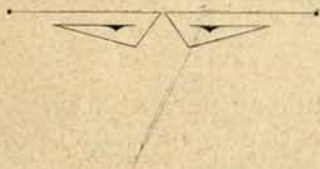
*
* *

E é a este homem, que não existiria se não houvesse dictionarios, que o Estado dá uma *grã-cruz* de merito litterario em vez de o mandar para o reino da *Grã-Duqueza*, onde, feito chinez ou urco, desempenharia um papel mais logico! E' assim que se offende a memoria d'um grande morto, que sempre viverá nos corações enternecidos pelos mais doces versos em que se reflecte todo o caracter sentimental d'um povo, que não tem hoje outra riqueza ou gloria de que orgulhar-se que não seja o seu inexcedivel sentimento! E' assim que oficialmente se deshonra um paiz, collocando na cathegoria dos seus grandes homens de arte, emulos dos que lá fóra são os semi-deuses da admiração nacional, quem apenas se recommenda a tal distincção pela sua farda de academico, vincada de salamaleks, e por um arsenal de palavras velhas e ferrugentas a que elle attribue o brilho do sentimento e o prestigio das idéas!

*
* *

Entenda-se bem. A tal *grã-cruz* pouco nos importaria se a não tivessem desviado dos seus fins naturaes, quer dizer, se a dessem sempre aos mediocres, protegidos do paço ou dos governos. Mas já que um dia a tiraram da lama para a honrar n'um peito illustre, que nunca mais ella se prostituisse no lodaçal d'onde sahira! João de Deus tinha baixado até ella; o seu bom e generoso espirito erguera-a, como uma Marion Delorme; *refizera-lhe uma virgindade*. Mas os seus maus habitos estavam profundamente inveterados; eil-a, outra vez, na viella. — Coitada! Per-tence, d'ora ávante, irremessivelmente, á policia e ao Desterro.

Mayer Garção.



A PINTURA



UMA RUA D'ARGEL

Quadro de **Frédéric Voigt**

Dramaturgos & C.^a

Foi ha dias, n'uma das salas da redacção das *Novidades*, que um grupo de auctores dramaticos nos veio prestar, com as suas terminantes affirmativas, um relevantissimo serviço, pondo a nú, — com um grande cynismo ou uma grande imbecilidade, — as suas convicções e as suas aspirações; dando em si proprios, na cegueira de vergonhosas ambições pecuniarias em detrimento de quaesquer ideaes artisticos, o golpe de misericórdia. Foi ha dias que a maior parte d'esses farçantes das lettras arremessaram de si, na falsa esperança da impunidade, a mascara de artistas com que, até agora, tinham encoberto as suas caras d'avidos mercieiros.

E este facto, se por um lado nos vem desesperadamente impressionar, porque é a demonstração mathematica da crise d'honestidade artistica que atravessamos, — por outro lado vem trazer-nos a consoladora certeza de que esses homens estão, d'oravante, inhibidos de continuarem a embair o publico com os seus ares tristes de martyres redemptores, e impossibilitados de lhes fazerem acceitar a sua arte rançosa e vasia, essa arte mercantil e dubia que, ha annos já, veem impingindo descaradamente ao publico como authentica banha de cheiro.

Esses homens, que constituem um estorvo a todo o progresso intellectual; cujas lériasinhas sentimentaes e fantochadas historicas são o principal factor da crise do theatro portuguez; que começavam agora, — decerto influenciados pelo successo de *guichet* que a *Lagartixa* obteve, — a ministrarem ao publico peças imbecis e baixas, sem observação nem psychologia, sem um ideal nem um sentimento, — acabaram por confessar publicamente, na primeira reunião da Associação dos Auctores Dramaticos, qual era o seu fito, a sua suprema ambição.

Foi o sr. Lopes de Mendonça que definiu, d'uma maneira clara e precisa, o que aquella Associação deveria ser: — *puramente mercantil*.

A forma laconica da phrase e a nitidez da expressão dizem bem uma convicção arreigada, um proposito firme, uma norma d'acção bem definida.

Quando esse mesmo senhor, na sala da Associação dos Jornalistas, dizia graças em latim a proposito da crise do theatro portuguez, apontando como causas d'essa crise todos os que, mais ou menos, estão em relação com o theatro, — desde os actores aos carpinteiros, — exceptuando apenas, n'essa eterna sabujice do elogio mutuo, os seus collegas auctores, decerto não tinha essa nitidez de expressão, essa precisão da phrase, porque dentro das suas palavras não havia a convicção, não havia a verdade, e eram precisos os rendilhados litterarios e os gracejos insonsos para mascararem, de qualquer forma, a sua falta de sinceridade.

Mas d'esta vez, bem possuido da verdade das suas palavras e bem convicto de que a maioria das peças que hoje se representam são obras de fancaria que atrazam e desmoralisam o publico, veio definir, — n'um grande assomo de sinceridade, n'uma phrase cortante como a navalha de qualquer heroe de drama moderno, — o estado actual da dramaturgia portugueza. Veio-nos dizer que, na Associação dos Auctores Dramaticos,

não se trataria da educação do publico, não se tentaria impor a moralidade no theatro, não se trataria d'apurar e rejuvenescer a Arte.

Isso tudo são coisas de somenos importancia para esses senhores que, hoje, representam entre nós a arte dramatica. Acima d'essas banalidades, esmagando-as e obscurecendo-as completamente, estão os interesses pecuniarios, está o mercantilismo, esse terrivel bicho que ataca e corrôe actualmente o theatro portuguez.

Hoje não se faz Arte; hoje, nos theatros, vendem-se peças como nas mercearias se vende manteiga: — aos kilos.

*
* *

O mercantilismo dentro da arte é já hoje, por insistentemente repetido, cousa tão trivial e commum, tão unanimemente galardoada pelos adjectivos pomposos da critica réles, que muito natural parece a quasi todos, e por quasi todos é acceite muito naturalmente e, por vezes mesmo, com verdadeiro entusiasmo.

Raro, no meio d'esta podridão de interesses mesquinhos e d'estas comicas delicadezas do elogio mutuo, se levantam vozes altivas e cheias de desprezo a exigirem seriedade e honestidade, a verberarem actos que, por menos serios e menos artisticos, devem ser apontados ao publico como coisas baixas e indignas que é um dever esmagar, desprezativamente, com o tacão.

Mas logo *elles* veem, saltando por cima de todos os principios e de todos os direitos, unidos na baixaza dos mesmos interesses, defender à *outrance*, por todos os meios, as suas baboseiras contraproducentes e retrogradadas.

Assim, quando Ernesto da Silva, — incapaz de pactuar com *litteratos mercantis*, — alvitrava que na Associação dos Auctores Dramaticos se não esquecesse, de modo nenhum, o progresso da Arte e sua possivel elevação moral, o gazetilheiro Esculapio, — de certo mandado pelos *outros*, — pediu urgentemente a votação dos estatutos, visto a *esterilidade* de semelhante proposta!

E aqui temos nós o Esculapio, escondido atraz do *José João*, a asseverar-nos esteril uma discussão sobre a moralidade no theatro e o progresso da Arte.

D'accordo que a discussão não seja o melhor meio para metter na vacuidade de todos aquelles cerebros de fazedores de peças ideias de moral e d'honestidade. Mas d'ahi até ao ponto de considerar esteril e inutil um grito de revolta contra toda essa mixordia de sevêras e cópulas á beira-mar, atraz de rochedos, medeia grande distancia. E melhor seria, sr. Fernandes, que continuasse a fazer gazetilhas e se não mettesse em assumptos que, por elevados e complexos, o fazem cahir em erros tão graves, que pôdem, amanhã, tornar uma associação de dramaturgos n'um armazem de peças com venda por grosso e miudo.

*
* *

A maneira, comica e commercial, como é feita a admissão de socios n'esse associação jágora celebre, veio fornecer-nos, por parte do sr. Dantas, uma confissão que nada tem exteriormente de triste, pela

forma espirituosa como foi dita, mas que, no fundo, occulta uma verdade desoladora e terrível.

E' o caso de só serem admittidos, como socios, auctores que tenham, já representada n'um theatro de lotação superior a trezentos mil réis e n'um minimo de dez recitas, uma peça com tres ou quatro actos.

Ernesto da Silva apresentou, como argumento contrario a esse artigo dos estatutos, o frisante exemplo d'um artista que, não tendo descido a especular com o mau gosto e a ignorancia do publico, tivesse creado novas formulas d'arte, tivesse dado vida a novos ideaes e cujas peças, incomprehendidas pela multidão, tivessem caído ao final de duas ou tres representações. Assim Ibsen em Lisboa.

E tínhamos, então, essa coisa estupenda mas interessaete pelo imprevisto, d'um genio authentico escorraçado d'aquella sociedade mercantil pelas grotescas exigencias d'uma lei de funil.

N'esta altura o sr. Dantas, cheio de sinceridade e de verdade, deixando pela primeira vez na sua vida tristezas e fingimentos, disse:

— Mas é que o sr. Ernesto da Silva não sabe que para se ser auctor dramatico, não é necessario ser-se genio. . .

— Já desconfiava d'isso, replicou Ernesto da Silva. Agora, porém, fico sem duvidar. E' o sr. Dantas quem o affirma! . . .

E de todo este cynismo, de todas estas ambições de mercieiros agora bem descobertas á luz do dia, sómente resaltarão, n'uma inegavel affirmação, a decadencia extrema a que o theatro portuguez chegou, mercê do mercantilismo que açambarcou tudo, livremente, sem difficuldades nem protestos.

Costa Carneiro.

Os Livros

.....

PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

— por José de Figueiredo — Empreza editora da Historia de Portugal — Lisboa, 1901.

QUANDO pela primeira vez me veio parar ás mãos o album grande da Exposição de Paris, editado pela casa Baschet, — edição de luxo, capa vistosa, vistas coloridas, — o meu cuidado foi procurar o pavilhão portuguez ou cousa que se referisse a Portugal. Porque estava farto de ouvir dizer que o nosso paiz tinha feito uma figura desastrosa n'aquelle internacional certamen. Calculava, ainda assim, que fosse exagero das más linguas ou da politica que, sempre, se mette de permeio, em tudo, e esperava vêr um desmentido formal. Procurei. Ao cabo de folhear todas as folhas tive uma completa desillusão. Tudo o que se tinha dito devia ser verdade porque Portugal não tinha lugar no album.

Pois apesar d'isso perguntei ainda a quem tinha assistido á Exposição e todos confirmavam:

— Foi uma desgraça. Foi uma pelintrice.

E foi uma desgraça o que o governo portuguez fez, em Paris, porque se desperdiçou um bello reclamo á intellectualidade lusa, visto que

os expositores por si mereceram applausos, e o Estado não tinha o direito de amesquinhar esforços salutaes reunindo, n'uma barraca ignobil, optimas obras.

Imaginaria o Governo que a Exposição de Paris era assim uma especie de Feira de Belem em ponto grande, um tudo nada maiorsinha que a Feira Franca, de ridicula memoria? Talvez.

Isto, porém, é excessivamente comico e embora os portuguezes sejam os primeiros a amesquinhar Portugal, é custoso de acreditar, porque nós todos que maldizemos o nosso paiz, temos, no emtanto, por elle, uma adoração de crentes.

O livro do sr. José de Figueiredo acabou por me abrir os olhos. De facto, o pavilhão portuguez na Exposição fôra reles.

E não é sem documentar a sua asserção que o auctor, a cujo illustrado criterio eu presto a homenagem da minha consideração, nos vem relatar essas verdades. Elle cita as razões porque a barraca portugueza foi ridicula, entre as quaes avulta o caso de ter sido commissario do governo um homem falho, completamente, de senso esthetico, e creio até que de intelligencia. Esse homem é o Visconde de Faria.

Não é um maldizente, sobretudo, o critico, como são em geral esses *pseudo-criticos* que se arrogam de saber que não têm. E', pelo contrario, benevolo, e o seu estylo tem clareza, lucidez, é portuguez de lei.

*
* *

Em geral, a Arte em Portugal é criticada por quem não sabe nada do officio e os senhores não imaginam o mal que faz ao paiz este caso.

Na impotencia de ensinarem, de comprehenderem, os taes *afamados* criticos d'arte, voltam-se para a *blague* e para a laracha, fallando superficialmente da fórma; e essas *blagues* e essas larachas correndo de bocca em bocca, atiram muitas vezes abaixo um bom trabalho. Ora, é facil criticar d'este modo; basta ter-se graça e sabel-a empregar.

Começa, assim, um d'esses sujeitos por dizer mal d'algumas obras só pelo prazer de dizer mal, e ás duas por trez, sem que elle mesmo o presinta, vê-se obrigado a fallar de tudo; mas, como lhe falta o criterio e em muitas occasiões o conhecimento da especialidade, põe-se, se é esperto, a dar um balanço á sua ignorancia e á ignorancia publica. De qualquer modo, o publico é, sempre, menos sabedor.

Pois bem, percebido isso, um dos taes criticos trata primeiro dos auctores individualmente, fazendo-lhes a caricatura em dois traços de penna, ridicularisando-os, apontando-lhes os defeitos pessoaes, e ao entrar na obra, se é pintura, passa ao de leve sobre a impressão das côres; se é esculptura, sobre a visão das linhas. No fim, conclue por encabeçar um dito de espirito e ahí está feita a critica.

Depois, o dito esplirituoso corre veloz e todos á uma, assim convencidos, não compram, nem admiram um minuto um quadro ou uma esculptura, sem lhes aflorar aos labios um sorriso de mofa.

Ainda no outro dia, um pintor conhecido, referindo-se ao pessimo effeito d'estas torpes criticas, affirmava-me, desolado:

— E está a gente a trabalhar com amor, mezes a fio, n'uma tela grande, dispendendo tempo, estudo, dinheiro e paciencia, para vir um fulano qualquer desmanchar o nosso trabalho com uma piada feita n'um minuto pelo tirocinio dos cafés!

No theatro, no romance, em tudo é o mesmo.

Em seguida, um d'esses laracheiros da critica foliona, armado rapido em mestre, ejacula da caixa crancana uma sentença irreductivel: «Que a arte em Portugal só pôde ser cultivada pelos ricos!»

*
* *

Já basta a porção d'annos que a gente vê em todas as exposições o retrato da sr.^a D. Cicrana e do cantinho d'aldêa com bois no pasto, uma nora a guinchar, uma rapariga cortando feno e hervas crescidas pelos beiraes.

Não terão sido, antes, a paysagem e o retrato um subsidio para largos vôos, mais do que um ideal immutavel da Arte de pintar?

Assim o julgo, e hoje, ao pintor e ao esculptor, como ao litterato e ao dramaturgo, é licito exigir concepção mais vasta do que o naturalismo, porque todas as obras d'arte encaminham para o mesmo fim, — a perfeição da especie pela educação dos sentimentos e do raciocinio.

E não é exigir demais que se pense, porque, de contrario, restaria a habilidade manual o que não basta, pois desemburrada a mão, o cerebro ou o coração tem de funcionar. E' verdade, que o sr. José de Figueiredo tambem aponta no ultimo capitulo do seu livro isto mesmo, mas, abre uma excepção para aquelles que não tiverem tão larga visão, indicando-lhes que pintem, ao menos, para os que fallam a sua lingua; e eu nem isso concedo.

Então, as escolas transactas de pintura não tiveram todas um ideal que as definia? Tiveram.

Por isso, ficar-se um pintor, fazendo pequenas paysagens, sómente, hoje que se requer um fim maior para a Arte, parece-me ser transigencia demasiada.

Não será pintar para portuguezes o reviver n'uma paysagem portugueza uma grande idéa cujo drama, as figuras é a Natureza, serviram como se fossem numeros exactos d'uma equação? Que temperamento deverá ser o d'esse portuguez que não dê na tella o cunho veridico da sua nacionalidade?

Se assim não succeder é que o pintor não tem individualidade nenhuma, o que é raro, porque todos nós a temos, bastando procural-a com cuidado, e d'essas individualidades cingidas a uma tara geral propria d'um sol fulgurante, d'um céu muito azul, d'umas montanhas muito claras, é que se constitue uma nacionalidade.

E' vêr, como no fallar, no trajar, no andar, se differença o minhoto do transmontano, o algarvio do beirão, e, no emtanto, todos elles apparentam, para olhos extranhos, o mesmo typo caracteristico de portuguezes.

No emtanto, o livro do sr. José de Figueiredo, não me canço em dizel-o, é um bom livro, que todos os artistas deviam possuir, porque educa e elucida, e n'este paiz em que as almas se vendem ou se affogam por conveniencias de vida, é raro encontrar quem falle sensatamente e com conhecimento de causa.

Fernando Reis.